



A Influência do Psicodelismo nas Capas de Discos da Tropicália¹

Mariana ZAN²

Simone LANDAL³

Universidade Positivo, Curitiba, PR

Resumo

O objetivo dessa pesquisa foi investigar a influência do psicodelismo nas capas de discos da Tropicália. A partir da análise de peças que possuem a linguagem gráfica que a contracultura psicodélica utilizava estas, serão relacionadas, por critérios de semelhança visual, com as capas de discos produzidas no período do movimento tropicalista. A escolha por este período da história brasileira que se mostrou oponente às repressões impostas por um governo ditatorial se deu pela forte influência de aspectos históricos, culturais e sociais na produção do design gráfico da época.

Palavras-chave: Psicodelismo; Tropicália; capas de discos.

Introdução

A análise realizada neste artigo é um recorte de um capítulo integrante de um projeto de conclusão de curso, em desenvolvimento no curso de Design - Projeto Visual da Universidade Positivo. O objetivo desta análise é investigar a influência do psicodelismo, através de suas principais características, presentes na linguagem gráfica das capas de discos do movimento Tropicalista. Foi definido como objeto de estudo a capa de disco, por tratar-se de um importante veículo de comunicação e prática de design que obteve grande destaque no período da Tropicália, esta por sua vez, criou um novo cenário cultural no Brasil, mesmo inserido em um regime ditatorial.

O design, produzido neste contexto nacional, possuía uma identidade própria, porém, muitas de suas referências visuais estavam no que era produzido no exterior. Imagens fotográficas foram amplamente difundidas, assim como cartazes e a realização de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Design – Projeto Visual da Universidade Positivo, email: marianazan@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Design – Projeto Visual da Universidade Positivo, email: slandal@fcc.curitiba.pr.gov.br



completas identidades visuais que assumiam uma postura de criação coletiva do design, manifestando o sonho de uma sociedade igualitária existente na década de 60.

A metodologia utilizada para investigar as semelhanças na linguagem visual presente tanto nas peças do psicodelismo, quanto nas tropicalistas, será baseada nos critérios de análise de Martine Joly, apresentados no livro *Introdução à Análise da Imagem* (2005). Serão identificados elementos como cores e formas (signos plásticos), motivos reconhecíveis (signos icônicos) e textos (signos linguísticos), ou seja, analisar seus elementos tipográficos, imagens, uso de cores, sobreposição e utilização de diferentes elementos gráficos, como estratégia visual utilizada nas capas de discos destes períodos. Esta estratégia visual bem marcada justifica a seleção das capas de discos da Tropicália, sendo estas, Caetano Veloso (1968), Gal, de Gal Costa (1969); e do Psicodelismo, Disraeli Gears do Cream (1967) e Bee Gees' 1st do Bee Gees (1967). A tendência pelo acúmulo de elementos, excesso de informação, percepção espacial distorcida e a intensidade presente em vários aspectos gráficos são características da linguagem utilizada em ambos os movimentos, alcançando o público a que se destinam e contrapondo-se ao modernismo, vanguarda de maior influência para o design na época.

Psicodelismo

Em um cenário mundial na década de 60, estudantes tornavam cada vez mais frequentes manifestações, greves, protestos e organizações políticas que lutavam pelo fim da guerra do Vietnã, contra o racismo, pela paz e pelos povos subdesenvolvidos. A esse conjunto de manifestações, deu-se o nome de contracultura. Uma busca por outro estilo de vida, *underground*, à margem do sistema oficial. (BOTTINO, 2006). Este movimento estudantil teve seu ápice em 1968 e foi caracterizado por cabelos longos, roupas coloridas, misticismo oriental, música e drogas. Em vários países, contestavam a sociedade, seus sistemas de ensino e sua cultura em diversos aspectos, como a sexualidade, os costumes, a moral e a estética.

Para MELO (2006, p. 55) o psicodelismo traduz uma demanda por complexidade que emerge com grande força nos anos 60. Aderido especialmente pelos jovens, dentro do contexto da contracultura, os designers psicodélicos rejeitavam o modernismo como influência padrão da época, para a criação do design. Buscavam inspiração, não focando uma única tendência, mas baseando-se em tudo o que acontece ao seu redor e no mundo, na qual essa representação mental surgia muitas vezes por meio de alucinações motivadas por drogas alucinógenas (LSD).



A intenção da linguagem visual inspirada na droga era obter os efeitos das alucinações através de imagens e textos altamente coloridos e contrastantes. Estes elementos eram dispostos sem uma diferenciação de planos, proporcionando assim, uma equivalência entre elementos positivos e negativos, produzindo uma vibração óptica para o observador.

Tropicália

No Brasil, o Movimento Tropicalista foi o último grande arauto cultural e político, que emergindo em 1967, influenciou toda uma geração. Ele abriu novos caminhos para os cenários musical e estético, além de revitalizar a discussão do imaginário brasileiro. (RODRIGUES, 2006). Caetano Veloso e Gilberto Gil foram os precursores de uma nova proposta musical apresentada no III Festival de Música Popular da TV Record. No teatro, representada pelas montagens de *O Rei da Vela* e *Roda Viva*. Glauber Rocha trouxe o tropicalismo para o Cinema Novo, com o lançamento de *Terra em Transe*. Assim como as artes plásticas, nas quais as principais experimentações foram elaboradas por Hélio Oiticica.

Música, corpo, cores e imagens passaram a ser símbolos de manifesto neste movimento inserido em uma cultura de esquerda que vivia sob a condução de um governo ditatorial de direita. Celso Favaretto (1979, p. 30) considera que a Tropicália representou uma abertura cultural em um sentido amplo, trazendo uma resposta desconcertante à questão das relações entre arte e política.

Segundo Melo (2006, p. 45), tomando como exemplo a capa de Jânio de Freitas para o disco *Opinião de Nara* e da capa de Carlos Prósperi para *O fino do fino* de Elis Regina e Zimbo Trio, pode-se dizer que a MPB fez uma opção pela linguagem modernista, através do pouco uso de cores, da tipografia sem serifa e letras minúsculas, dos diagramas das composições e até uma referência bauhausiana; já o Tropicalismo apostou na vertente oposta, aderindo à vanguarda internacional e incorporando o psicodelismo e a arte pop.

Análise

Joly (2005, p. 49) afirma que uma boa análise se define por seus objetivos e que estes permitem a utilização de ferramentas que determinam grande parte do objeto de análise e suas conclusões. Como apresentado anteriormente, o objetivo desta análise é apontar as semelhanças encontradas em capas de discos produzidas no Psicodelismo e na

Tropicália, estas que foram fortemente influenciadas pelas peças produzidas na vanguarda artística internacional.

Considerar a imagem como uma mensagem visual, composta de diversos tipos de signos equivale a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como uma ferramenta de expressão e de comunicação. Seja ela expressiva ou comunicativa, é possível admitir que uma imagem sempre constitui uma mensagem para o outro, mesmo quando esse outro somos nós mesmos. (JOLY, 2005, p. 55)

Para dar início a análise a partir das capas que possuem a linguagem psicodélica, foi selecionada a capa do disco Disraeli Dream de 1967 da banda britânica Cream, formada na época por Eric Clapton, Jack Bruce e Ginger Baker.



Figura 1 – Disraeli Dream de Martin Sharp, 1967
(fonte: BOTTINO, 2009)

Neste trabalho do designer gráfico australiano, Martin Sharp, é possível perceber o uso de cores muito saturadas e de outras mais iluminadas. Estas cores se tornam complementares de acordo com o círculo cromático das cores, como por exemplo, o magenta e suas nuances e tons em quase toda a peça e o verde presente em alguns pontos, assim como o amarelo e uma pequena porcentagem de ciano. Existe também uma forte variação de tons quentes, que vão do vermelho, passando pelo magenta, laranja e por fim, o amarelo.

As formas predominantes possuem contornos suaves e estão dispostas em um aglomerado de ícones surrealistas (como alucinações pelo efeito de drogas) sobrepostos

uns sobre os outros, dando a impressão de uma imagem formada por um caleidoscópio. Muitos elementos da composição são inspirados na natureza, em especial as plantas. A profundidade nesta peça, ainda que um pouco ilusória, é dada pela diferenciação de tamanho entre os elementos e pelas sobreposições, não possuindo um fundo específico. Os elementos que são identificados e reconhecidos em um primeiro olhar são a imagem fotográfica dos integrantes da banda, sob o tratamento de cores que alteram a sua composição original, e a tipografia, característica do psicodelismo, que assume quase o valor de uma imagem, possuindo formas distorcidas nos seus caracteres. O foco visual se dá a partir do centro superior para as laterais e a parte inferior. A segunda capa escolhida foi a do disco Bee Gees' 1st de 1967 da banda inglesa Bee Gees, formada por três irmãos, o mais velho Barry Gibb, e os gêmeos Robin Gibb e Maurice Gibb.



Figura 2 – Bee Gees' 1st de Klaus Voormann, 1967.
(fonte: BOTTINO, 2009)

Neste projeto gráfico do designer alemão Klaus Voormann, o uso das cores é mais variado do que a capa analisada anteriormente, mas também se utiliza de tons saturados e valores luminosos. Possui contraste bem marcante por cores complementares, como o verde em sua maioria e o magenta apenas em um detalhe. O amarelo posicionado no centro da imagem e sua complementar, o azul. Além do laranja, aplicado à tipografia que aparece duas vezes e de formas bem distintas. Na parte superior esquerda, como um selo com o nome da banda, é formada por uma tipografia clássica e com todos os caracteres em caixa alta. Já no centro inferior, a tipografia comporta-se como uma

imagem, aderindo às características do psicodelismo e formando o que pode se chamar de tipografia caleidoscópica.

Neste trabalho é mais aparente a influência nos elementos da natureza nas ilustrações, como flores, folhas e arbustos, e estes elementos são sobrepostos uns sobre os outros.

A composição é formada por dois planos que se interceptam no centro da capa, formando uma linha imaginária horizontal. Na parte inferior encontram-se as ilustrações e a aplicação das cores indicadas anteriormente e na parte superior e como fundo, está uma imagem fotográfica com os cinco integrantes da banda. E por não haver uma diferenciação de tamanho muito aparente entre esses planos, determinar o foco visual é mais complexo.

Para verificar as semelhanças presentes das capas já analisadas do Psicodelismo com as capas da Tropicália foram selecionadas mais duas capas de discos do movimento nacional. A primeira delas é a do cantor e compositor de grande destaque para o movimento, Caetano Veloso de 1968.

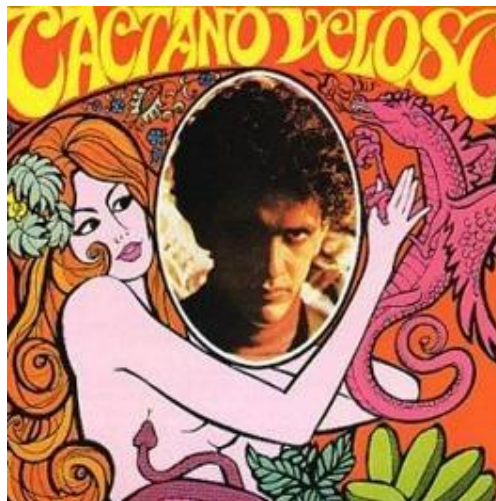


Figura 3 – Caetano Veloso de Rogério Duarte, 1968.
(fonte: MELO, 2006; p. 198)

Como o “porta-voz visual” da produção tropicalista, o designer Rogério Duarte cria uma linguagem gráfica anárquica e anticonvencional no cenário brasileiro.

Rogério Duarte apropria-se do vernacular, funde com a arte pop e joga por cima o psicodélico, criando um pastiche visual. (MELO, 2006, p. 201)

Neste disco solo de Caetano Veloso, predomina-se a ilustração (anônima, segundo designer), composta por uma mulher seminua, um dragão, folhagens e bananas. No centro da capa existe uma imagem fotográfica do cantor estampada na forma de um

ovo. As formas desenhadas referenciam as histórias em quadrinhos e ainda pode-se perceber a influência pelo Art Nouveau, em especial nas curvas formadas pelo texto e pelos cabelos da mulher representada.

As cores aplicadas à peça são predominantemente quentes, como variações do vermelho, magenta e amarelo. Não se destacam como complementares, com exceção do magenta do dragão e o verde das bananas.

O nome do disco e do cantor é aplicado na parte superior, tangenciando a borda da capa, em amarelo sobre fundo laranja, diferenciando-se da ilustração. Possui uma tipografia desenhada dentro do estilo psicodélico, com características onduladas e entornadas.

A composição é comum, mas seus elementos estéticos, como cores saturadas, elementos pictóricos, contornos bem marcados e tipografia transformam a capa em um ícone de design tropicalista da época, que só pode ser totalmente apreendido com a audição do disco, afirma Naves (1988).

A segunda capa escolhida para análise foi Gal, da cantora e compositora Gal Costa de 1969.



Figura 4 – Gal de Rogério Duarte, 1969.
(fonte: MELO, 2006; p. 21)

Nesta capa, também produzida pelo designer Rogério Duarte ficam estabelecidas as características psicodélicas através das ilustrações. Presente em toda a capa, inclusive na tipografia, essas ilustrações remetem ao universo dos sonhos e devaneios, imagens surrealistas e grafismos bem adornados e exuberantes formam a composição, em que não se pode distinguir claramente o fundo de um ou vários objetos sobre ele.

A leitura dos tipos é dificultada por essa ausência de fundo, além de ser desenhada de forma que altera significativamente os caracteres, em especial o “G” que mais assemelhasse ao “C”.

A composição se dá a partir do centro, com destaque para representações surrealistas de pessoas e animais, para as bordas através dos adornos. As imagens encontram-se sobrepostas umas sobre as outras, garantindo um aglomerado de formas, contornos e cores destacadas, e estes, por sua vez, dificultam a visualização de profundidade.

As cores aplicadas à peça são muito saturadas e possuem um jogo de luz e sombra, garantindo volume a algumas formas. As análogas, laranja, vermelho e roxo se contrastam com as complementares em tons de azul e amarelo.

Tabela de análise

A tabela apresentada a seguir lista as capas de discos que foram analisadas dos dois períodos em questão, seguidas de suas principais características do critério de análise escolhido, tais como: artista, movimento, fotografia, ilustração, tipografia e cores predominantes. As ilustrações serão classificadas em relação aos movimentos artísticos internacionais. A tipografia das capas será classificada por estilos manuais, manuais decorativos, lineares ou romanos e as cores de acordo com o círculo cromático.

artista	Cream - 1967	Bee Gees - 1967	Caetano Veloso - 1967	Gal - 1967
movimento	Psicodelismo	Psicodelismo	Tropicália	Tropicália
fotografia	apresenta	apresenta	apresenta	não apresenta
ilustração	Pop Art e Fauvismo	Pop Art	Art Nouveau	Surrealismo
tipografia	manual	manual decorativa	manual decorativa	manual
cores predominantes	magenta e amarelo	verde e laranja	magenta, laranja e amarelo	azul, roxo e amarelo

Considerações finais

O Tropicalismo difundiu a arte brasileira no exterior e fazendo uso do deboche e da irreverência misturou-se a cultura da massa urbana, através da retomada das lições do Manifesto Antropofágico. Este, por sua vez, é relativo ao movimento literário e artístico



brasileiro do fim dos anos 20 que pregava a valorização dos elementos nativos e primitivos brasileiros e da assimilação das tendências modernas do pensamento europeu e da arte de vanguarda. A proposta desse movimento era a criação de uma cultura nacional revolucionária que se baseasse também, em referências internacionais.

Através da análise das quatro capas selecionadas, podem-se confirmar as influências do Psicodelismo, visivelmente aparente no design gráfico produzido nas capas Tropicalistas. A cor e a forma tipográfica são elementos chave para a construção de uma peça com influências no Psicodelismo e esses são garantidos pelo trabalho do designer Rogério Duarte. Além disso, percebem-se outras referências visuais nas capas, o pop art, caracterizado pelos contornos expressivos, o kitsch, pela ilustração da capa de Caetano Veloso e do vernacular. Referências que fazem sentido, tratando-se de Tropicália, um movimento artístico que incorpora o passado e o presente e se comporta de maneira inversa aos padrões lineares e funcionais da modernidade.

Referências bibliográficas

- BOTTINO, Clarissa. **Objeto visual – anos 60: Design e Psicodelismo**. PUC - Rio: Departamento de Artes & Design, 2006.
- FAVARETTO, Celso F. **Tropicália: alegoria, alegria**. São Paulo: Kairós, 1979.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução: Marina Appenzeller. 4ed, Campinas, SP: Papirus, 1996.
- MELO, Chico Homem de. **O design gráfico brasileiro: anos 60**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- RODRIGUES, Jorge Caê. **O design tropicalista de Rogério Duarte**. In: MELLO, Chico Homem de. (Org.). **O design gráfico brasileiro: anos 60**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- _____. Tinindo, Trincando: o design gráfico no tempo do desbunde. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 10, p. 72-102, jul./dez. 2006.